

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LETRAS E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

MARALINE APARECIDA SOARES

**DA REDE GLOBO AO YOUTUBE: ENTRE A PARÁFRASE E A POLISSEMIA
DO DISCURSO JORNALÍSTICO**

**Pontes e Lacerda – MT
Dezembro/ 2013**

MARALINE APARECIDA SOARES

**DA REDE GLOBO AO YOUTUBE: ENTRE A PARÁFRASE E A POLISSEMIA
DO DISCURSO JORNALÍSTICO**

**Monografia apresenta ao
Departamento de Letras – Campus de
Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob
orientação do Prof.Me.Divino Alex
Rocha de Deus, como requisito parcial
para a obtenção do título de graduada
em Licenciatura em Letras.**

**PONTES E LACERDA – MT
DEZEMBRO / 2013**

MARALINE APARECIDA SOARES

**DA REDE GLOBO AO YOUTUBE: ENTRE A PARÁFRASE E A POLISSEMIA
DO DISCURSO JORNALÍSTICO**

Esta monografia foi apresentada a Universidade do Estado de Mato Grosso
(UNEMAT) como requisito parcial do título de licenciado em letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Divino Alex Rocha de Deus
Orientador

Prof.^a Dra. Eliana de Almeida
UNEMAT – Pontes e Lacerda-MT

Prof. Me. Rogério Martins
UNEMAT – Pontes e Lacerda-MT

**PONTES E LACERDA – MT
DEZEMBRO / 2013**

Em especial quero dedicar este trabalho a Deus que em todos os aspectos me sustentou, e também a minha mãe: Maria da Penha Soares, que se fez presente ao meu lado nos momentos tristes e felizes, e em tudo me apoiou buscando me animar.

AGRADECIMENTOS

Quero aqui deixar os meus sinceros agradecimentos a Deus pelas dádivas recebidas, bem como as capacidades físicas e intelectuais que fizeram valer o meu percurso acadêmico. Sou também imensamente grata a minha família por todos os esforços prestados, pois cada um contribui significativamente, minha mãe se dedicou muito, meu irmão Arthur José Soares foi também um colaborador importante, não podendo esquecer a minha irmãzinha Marielly Soares.

Em especial agradeço ao meu orientador Prof. Me. Divino Alex Rocha de Deus pela dedicação e paciência prestada durante a elaboração deste trabalho. Também sou muitíssimo grata aos meus professores: Hélvio Gomes de Moraes, José Leonildo Lima, José Pereira, Weverton Ortiz, Epaminondas Matos Magalhães, Madalena Machado, Rita de Cássia, Walmira Austríaco Sodré, Carmem Zirr Artuzo e Tereza Pazzos por terem instigado meu avanço intelectual.

A minha querida amiga Adriana Gonçalves agradeço pela atenção e companheirismo demonstrado para comigo. Sou grata também aos meus colegas de classe que dividiram comigo momentos de alegria, tensão e também de agonia.

RESUMO

Pelo viés da Análise de Discurso de linha Francesa, a presente pesquisa busca compreender os efeitos de sentidos produzidos no vídeo “Óleo vaza na bacia” divulgado no site de compartilhamento *Youtube*. Para a nossa compreensão é necessário pensar a historicidade da memória jornalística, mais especificamente do Plantão da Globo que funciona numa regularidade de linguagem: Vinheta+ imagem e textualização. O vídeo analisado é projetado nesse mesmo ritual do telejornal, porém, no vídeo, há uma ruptura desse ritual já naturalizado que provoca estranhamento e também humor. Ao analisar o funcionamento da materialidade do vídeo podemos observar uma relação de paráfrase e polissemia, no jogo do mesmo e do diferente produzindo sentidos.

Palavras-chave: Sujeito, Memória jornalística, discurso, Oralidade e escrita

ABSTRACT

By joining theoretical analysis Discourse French, this research seeks to understand the effects of meanings produced in the video "Oil leaks in the basin" released in sharing website YouTube. To our understanding is necessary to consider the historical memory journalistic, more specifically the Duty of the Globe, who works in a linearity Vignette + image, textualization, and analyzed video is thought that same ritual of television news, but in the video there is a breakdown of this ritual already naturalized, that causes estrangement and also mood, so we can see a list of paraphrase and polysemy, in this game the same and different.

Keywords: Subject, Memory journalistic discourse, Orality and writing

[...] As palavras não têm um sentido ligado a sua literalidade, o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe nas relações de metáfora (transferência) acontecendo nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório. [...] (ORLANDI, 2005, p.11)

SUMÁRIO

Introdução	10
1 - Fundamentação teórica: um olhar discursivo para a lingua(gem)	12
1.1- Telejornalismo e o Youtube: espaços de sentidos	16
2 -Oralidade e escrita: efeitos sentidos no dizer	23
2.2-Telejornalismo e <i>Youtube</i> : condições de produção e efeitos de sentido	30
Considerações finais	36
Referências bibliográficas	37

Introdução

Desde a década de 60, quando a TV se consolidou no Brasil, nós enquanto cidadãos vivemos em contato com uma série de dizeres que são colocados como informações os quais são veiculados pela mídia jornalística. Pesquisas da área da linguagem apontam que essa constante circulação de informações constitui um sujeito atravessado por efeitos ideológicos de que para ser um cidadão intelectual e moderno faz-se necessário que esteja sempre acompanhando os telejornais, ou seja, em nossa sociedade temos sujeito já afetado por uma metáfora equivocada de quantidade de informação como “saber”.

A partir dessa conjuntura, a presente pesquisa visa trabalhar com um vídeo veiculado em um site de compartilhamento chamado *youtube*. O vídeo intitulado “Óleo vaza na bacia” é apresentado pela humorista chamada *Dona Irene* que traz de forma bastante peculiar uma notícia sobre o petróleo que vazou e consequentemente manchou a bacia de Campos, fato que ocorreu em novembro de 2011. Este vídeo é apresentado inicialmente com uma vinheta que nos faz lembrar a abertura do telejornal *Plantão da Rede Globo*. Outro detalhe a destacar é a imagem que acompanha a vinheta também reforça a ideia do telejornal. Num momento posterior nós temos um cenário semelhante ao da emissora, onde a humorista, no lugar de âncora, comenta a notícia de uma forma que se difere ao que estamos acostumados ver no telejornalismo, principalmente ao que se apresenta no jornalismo da *Rede Globo*.

Este funcionamento nos instigou a tomar o vídeo como material de análise. Para isto filiamos à Análise de Discurso de linha francesa, (Pêcheux 1969, na França; Orlandi 1996 no Brasil), que é um campo de estudos sobre a linguagem que nos permite compreender os possíveis efeitos de sentidos presentes no objeto simbólico (vídeo: “Óleo vaza na bacia”). Considerando o postulado por Orlandi (2002, Pp.26 e 27) que afirma que “a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” - problematizamos: de que modo que este vídeo joga com a memória discursiva do telejornal da Rede Globo, mais especificamente com Plantão de Notícias? E propomos pensar também sobre a

textualização do discurso produzido pela humorista buscando compreender como eles significam para o sujeito telespectador.

Capítulo 1 - Fundamentação teórica: um olhar discursivo para a lingua(gem)

Para início de nossa discussão é de suma importância destacar que a Análise do Discurso é um campo de estudos sobre a linguagem que visa compreender o funcionamento da Língua na produção de sentidos considerando sua historicidade. Nesse sentido, podemos dizer que a análise do discurso tem uma maneira particular de estudar a língua que vai além daquilo que está posto pela linguística, desse modo, Michel Pêcheux enquanto fundador da Escola Francesa de Análise do Discurso, [...] “levanta questões para a linguística, interrogando-a pela historicidade que ela exclui, e, do mesmo modo, ele interroga as ciências Sociais quanto à transparência da linguagem que sobre a qual eles se sustentam”. [...] (ORLANDI, 2002. p.10).

Para os analistas do discurso, o **Discurso** é a materialidade pela qual é possível observarmos a produção de sentidos de todo e qualquer material simbólico, bem como compreender a relação entre sujeito, língua e ideologia. Podemos compreender então que o discurso é a linguagem funcionando como “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2002, p.15) possibilitando ao homem a condição para compreender, e também questionar a realidade na qual ele está inserido, ou seja, a análise de discurso não trabalha a língua fechada, reduzindo-a, mas trabalha as possibilidades de sentidos, pois interessa pensar como o objeto simbólico se significa para e por sujeitos e como este produz sentidos.

Para análise de discurso os sentidos não estão postos e fechados na palavra em si, nem tampouco são vistos como transparentes e naturais. “O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. (Orlandi, 2002 p.31), pois o sujeito é afetado pela história e pela língua, e sobre essa relação Orlandi explica que:

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento do significante. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da psicanálise, com o

deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história. (ORLANDI, 2002, p.19)

Cabe aqui explicitar que para o campo de estudos discursivos não é relevante pensar sobre o que o autor quis dizer, ou até mesmo tentar encontrar o que seria sentido único e absoluto, pois, nessa perspectiva, o sentido se constituirá no acontecimento do significante e na relação com o simbólico na história. Assim, trabalha o gesto de interpretação posto na relação entre sujeito, língua e história na busca daquilo que está subjetivado.

No âmbito da teoria discursiva podemos compreender que também por meio do discurso é possível observar a relação entre a língua e a ideologia, uma vez que esta trabalha a relação língua – discurso - ideologia, pois a materialidade da ideologia é o discurso e a do discurso é a língua. Nessa relação compreende-se que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, uma vez que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2002, p.17). Pensando ainda nessa relação entre língua – discurso – ideologia não poderíamos esquecer da noção de memória, pois é fundamental para compreensão da produção do discurso, bem como para compreensão discursiva da linguagem. Conforme destaca Pêcheux:

Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. O risco evocado de uma vizinhança flexível de mundos paralelos se deve de fato a diversidade das condições supostas com essa inscrição: é a dificuldade – com a qual é preciso um dia se confrontar – de um campo de pesquisas que vai da referência explícita e produtiva à linguística, até tudo o que toca as disciplinas de interpretação: logo a ordem da língua e da discursividade, a da “linguagem”, a da “significância” (Barthes), do simbólico e da simbolização... (PÊCHEUX, 2010. P.50)

Pelo viés discursivo, a memória é uma condição de produção de sentidos, uma vez que se dá pelo já-dito. É através da memória discursiva relacionada com já-dito é que vai determinar os sentidos do sujeito para com o discurso, desse modo, um único dizer pode provocar diferentes efeitos de sentidos para diferentes sujeitos.

Para nossa questão interessa reafirmar que o sujeito é interpelado pela ideologia, uma vez que “o trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento, pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade” [...] (Orlandi, 2002, p.49). Assim sendo, podemos compreender que a memória discursiva é constituída ideologicamente por meio de dizeres discursivos carregados de sentidos já naturalizados que constituem o/no sujeito, ou seja, a memória é constituída ideologicamente pelo que está posto.

Todo esse percurso teórico se fez necessário para criar condições de discussão do material simbólico que tomamos para análise, sendo este um vídeo veiculado em um site de compartilhamento chamado *youtube*. O vídeo intitulado “Óleo vaza na bacia” apresenta a humorista chamada *Dona Irene* que traz de forma bastante peculiar uma notícia sobre o petróleo que vazou e consequentemente manchou a bacia de Campos no Rio de Janeiro, fato ocorrido em novembro de 2011. Este vídeo é constituído inicialmente com uma vinheta que nos faz lembrar a abertura do telejornal *Plantão da Rede Globo*.



Imagem 1

Outro detalhe a destacar é que a imagem que acompanha a vinheta também reforça a ideia do telejornal. Num momento posterior temos um cenário semelhante ao da emissora, onde a humorista, no lugar de âncora, comenta a notícia de uma forma que se difere ao que estamos acostumados ver no telejornalismo, principalmente ao que se apresenta no jornalismo da *Rede Globo*.



Imagem 2

Este funcionamento nos instigou a tomar o vídeo como objeto de análise. Para isto filiamos à Análise de Discurso de linha francesa, (Pêcheux 1969, na França; Orlandi 1996 no Brasil), um campo de estudos sobre a linguagem que nos permite compreender os possíveis efeitos de sentidos presentes no objeto simbólico (vídeo: “Óleo vaza na bacia”). Considerando o postulado por Orlandi (2002, Pp.26 e 27) que afirma que “a Análise de Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” - problematizamos: de que modo que este vídeo joga com a memória discursiva do telejornal da Rede Globo, mais especificamente com Plantão de Notícias? E propomos pensar também sobre a *textualização* do discurso produzido pela humorista buscando compreender como eles significam para o sujeito telespectador.

1.1 Telejornalismo e o Youtube: espaços de sentidos

Podemos dar início a nossa discussão abordando sobre a historicidade do telejornalismo no Brasil, pois o vídeo se apresenta inicialmente com a vinheta que se tornou particularidade e símbolo do noticiário, juntamente com a imagem do plantão notícias da rede Globo.

Em 1950 o Brasil recebeu a **TV Tupi** no canal 6 do estado de São Paulo, sendo esta a pioneira no país lançando o telejornal: **Imagens do dia**. Nesse contexto o Brasil estava em processo de desenvolvimento social, econômico, e político, e nesse processo de evolução, na década de 60, a TV se consolida no Brasil, e o telejornalismo começa a avançar, dá-se início a uma fase de criatividade e expansão intelectual. Entretanto a TV assume seu caráter comercial, na busca de audiência, o que ocorre até nos dias atuais, uma vez que as emissoras são em primeiro momento empresas que visam lucros através da venda de notícias, entretenimento e etc.

Em 1969 surge a Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações. Esta empresa através da tecnologia trouxe acessibilidade para implantação das emissoras, pois interligou o Brasil através de linhas básicas de microondas-rotas, a fim de aderir ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações, ou seja, estava criada, então, a estrutura para as redes nacionais de televisão. E nesse momento o telejornalismo brasileiro entra em uma nova fase, com a disponibilidade dos avanços tecnológicos que lançaram aparelhos avançados como videoteipe, câmeras de estúdio, a lente zoom que veio substituir a torre de lentes, entre outros.

No mês de setembro de 1969 entrou no ar o *Jornal Nacional* tornando-se o primeiro noticiário em rede nacional da TV brasileira, sendo transmitido ao vivo para São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Nos discursos, projetava-se o telejornal como forma de integrar os 56 milhões de brasileiros da época e, com isto, silenciava interesses políticos e mercadológicos. A emissora visava possuir um noticiário que lhe desse prestígio, ou seja, a *TV Globo* queria competir com o **Repórter Esso**, da *TVTupi*. E com o passar dos anos a Rede Globo foi se aprimorando e consequentemente ampliando seu repertório de telejornais de tal modo que hoje se tem: *Bom dia Brasil*, *Jornal da Globo*, *Jornal*

Hoje, Jornal Nacional, Globo Repórter, Profissão Repórter, Globo Rural, Pequenas Empresas e Grandes Negócios, Bem estar, Globo Mar, Globo Cidadania e Retrospectiva.

No dia 02 de Abril de 1982, a emissora da rede globo divulgou mais um programa do gênero jornalístico intitulado “*Plantão da Globo*” trazendo sempre notícias consideradas extraordinárias, com a característica de não ter horário específico para vir ao ar. Normalmente interrompe a programação da emissora para divulgar uma notícia que consideram urgente, a qual ecoa como fato de relevância para a sociedade. Este telejornal é produzido e apresentado por jornalistas que estejam de plantão na emissora e que sejam acionados para isso. Na linguagem jornalística é chamado de Extra. É um programa antigo da emissora e por isso conhecido no Brasil, noticiou nos últimos 30 anos acontecimentos de várias ordens como: guerras, mortes, fenômenos naturais, acidentes, sequestros, atentados, eventos políticos, fatos históricos, do Brasil e do mundo.

Vale ressaltar a relação do sujeito telespectador com a emissora da Rede Globo. Ao longo dos anos, a emissora foi se consolidando por meio de suas programações e, segundo as pesquisas, atualmente é a emissora com maior índice de audiência, assim sendo, podemos dizer que a maioria dos brasileiros assistem as programações dessa emissora, portanto, os brasileiros estão sempre em contato com o Plantão da Globo.

Nessas condições, interessa pensar a repetição da vinheta sempre acompanhada de dizeres sobre fatos que são colocados como extraordinários. Um olhar discursivo para linguagem permite dizer que essa relação produz sentidos e constituiu uma memória discursiva, ou seja, para o telespectador já está naturalizado que a vinheta é uma característica do telejornal (da Globo) que mobiliza para um modo de dizer, pois o esperado é uma notícia nacional ou até mesmo internacional. Desse modo, podemos dizer que o telespectador passa ser um sujeito afetado por essa construção de um ritual de linguagem – vinheta + notícias – que se repete ao longo dos anos. O *Plantão da Globo* é um ritual de linguagem que põe em jogo uma relação do telespectador com a TV e produz imaginários.

A mídia joga com o imaginário de que para se manter atualizado e se destacar na sociedade faz-se necessário que este esteja sempre atento aos noticiários. Esta ideia ecoa nas escolas e em outros espaços de dizer, como em cursos preparatórios para vestibulares/concursos, pois atualmente se projeta/sustenta a ideia de que ser sujeito informado é ser pessoa intelectual, ou seja, estar sempre informado, no discurso midiático, é sempre metaforizado como estar no campo do saber. Essa ideia pressupõe a língua como transparente, como se houvesse uma relação direta entre linguagem e mundo, apagando aí as posições sujeito que interpretam e produzem gestos de leitura sobre o mundo. Com este apagamento tem-se como imaginário de que informação é sinônimo de saber, ou seja, o sujeito midiático, já está afetado por uma metáfora equivocada de quantidade de informação como “saber”, conforme Nunes, (2012) discute em sua tese de doutorado “A geometrização do dizer no discurso do infográfico”:

A mídia tem posto em circulação de modo determinante, a necessidade da informação. Mattelart (2002, p.07) reitera que as apologias de uma sociedade da informação, considerada enquanto um paradigma dominante da mudança e caução de um mundo que seria mais “solidário, transparente, livre e igualitário”- juntamente com a apologia da tecnologia (e os discursos que a acompanham) - ocupam uma posição decisiva e singular na sociedade contemporânea. O discurso sobre a informação reveste - se, assim, de uma forma instrumental e utilitarista que determina os modos do que seja informar alguém e também, de modo reversivo, se informar de alguma coisa. (NUNES, 2012, Pp. 31-32)

Nesse sentido podemos dizer que a mídia tem feito seu *marketing* para vender o produto notícia, (e vale pensar aí o que e como se constrói a notícia) e nesse jogo uma grande parte da sociedade passa a pensar Informação e Conhecimento como a mesma coisa. Em relação a esse jogo da memória discursiva do jornalismo, a analista de discurso Cristiane Dias produziu um artigo intitulado: “Imagens e metáforas do mundo”, que discute acerca do discurso da Sociedade da Informação e do Conhecimento. Nesse estudo ela destaca que pelo ponto de vista discursivo, Conhecimento e Informação [...] “não querem, no

entanto, dizer a mesma coisa, pois produzem sentidos diferentes uma vez que acionam e se filiam a diferentes memórias discursivas”. (DIAS, 2009, p.16)

O vídeo tomado para análise se apresenta inicialmente com o mesmo funcionamento de linguagem - imagem e som da vinheta (tal como analisamos anteriormente) materializado no telejornal oficial “Plantão da Globo. Considerando a relação de sentidos que a vinheta mobiliza (pelo gesto de repetição do seu aparecimento no ar pela Rede Globo), nos interessa aí problematizar a relação com o telespectador, buscando compreender os efeitos de sentidos que são trabalhados na materialidade do não-verbal, materialidade que para a Análise do Discurso significa enquanto forma de linguagem. Orlandi em seu estudo a respeito dos “Efeitos do verbal sobre o não verbal” destaca que:

A Análise de Discurso (AD daqui para frente) restitui ao fato de linguagem sua complexidade e sua multiplicidade (aceita a existência de diferentes linguagens) e busca explicitar os caracteres que o definem em sua especificidade, procurando entender o seu funcionamento (ORLANDI, 2002, p.35)

Conforme afirma Orlandi, a análise de discurso não estuda apenas a língua escrita ou falada, mas toda forma material de linguagem, inclusive as imagens, ou seja, estuda os efeitos da linguagem verbal e não-verbal, o que para nós é muito significativo, pois a TV se vale dessa relação, tanto do verbal quanto do não-verbal para produzir sentidos; No material simbólico que recortamos para análise, tem o efeito do não-verbal e verbal se significando. O não-verbal que funciona no vídeo é o som da vinheta, o jogo de imagens apresentadas na abertura, o jogo de cores e o cenário de onde a humorista Dona Irene textualiza a notícia. Vejamos estas imagens abaixo.



Imagem 3 (abertura do vídeo)



Imagem 4 (final da vinheta)



Imagem 5



Imagem 6

O ritual de linguagens não-verbais e verbais materializados no vídeo joga com a memória jornalística, também podemos dizer que esse efeito de sentido produzido no/ pelo vídeo se dá por meio da relação entre paráfrase e polissemia,

ou seja, entre o mesmo e o diferente, o que constrói a injunção ao sujeito telespectador a uma discursividade jornalística. Orlandi (1998) compreende essa relação contraditória entre a paráfrase e a polissemia como eixo que estrutura o funcionamento da linguagem, desse modo afirma que:

Daí considerarmos que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (ORLANDI, 2009, p.36)

Nesse sentido podemos dizer que, embora seja um vídeo divulgado por um site de compartilhamento, o ritual de linguagem se apresenta inicialmente do mesmo modo que o telejornal vai ao ar na Rede Globo: a imagem de abertura do vídeo (Óleo vaza na bacia), juntamente com a vinheta, retomando uma materialidade não-verbal já investido de sentidos. Ou seja, na abertura do vídeo temos um processo parafrástico de linguagem.

Podemos compreender também uma relação de paráfrase nas programações de TV, por vezes se utilizam da repetição do mesmo num processo parafrástico. Essa questão chamou a atenção da Pesquisadora Silmara Cristina Dela-Silva, que produziu um artigo chamado: "A televisão no espaço urbano brasileiro (ou dos processos de constituição de sentidos para a TV no Brasil)", segundo a autora, no caso do discurso jornalístico sobre a televisão, o jogo entre paráfrase e polissemia permite compreender a relação entre o verbal e o não-verbal, que se produz entre os textos e as fotografias que compõem as reportagens na imprensa brasileira. Os discursos produzidos por meio desta relação, em que ora predomina a paráfrase e ora, a polissemia, constituem-se de forma a silenciar outros sentidos que, ainda assim, deixam marcas no dizer.

Essa relação de paráfrase também pode ser compreendida no vídeo, pois há uma repetição de imagem e também da vinheta, retornando assim ao mesmo espaço de dizer do Plantão da Globo, retomando na memória discursiva a historicidade do telejornal.

O sujeito é interpelado pelo efeito de sentidos naturalizados pela vinheta que funciona como um corte na programação normal e com isso o sujeito telespectador a compartilha/compactua/emite opiniões acerca do fato/acontecimento. Com isso podemos compreender que a imagem acompanhada pela vinheta mobiliza para uma dada relação de sentidos, produz uma memória discursiva, ou seja, ela possui uma historicidade de dizeres que está posta na memória do discurso telejornalístico.

Compreender o modo de abertura do vídeo como linguagem é muito importante para nossa discussão, pois é esta materialidade que coloca/mobiliza o sujeito para/na relação de dizeres postos pelo Plantão da Globo. Como já dissemos, ao assistir o vídeo, vemos a imagem acompanhada pela vinheta, nós, enquanto espectadores nos deparamos com um cenário igual ao da rede Globo, o que nos permite dizer que até esse momento tudo parece se inscrever no espaço de dizer do telejornalismo tal como temos no Plantão da Globo, porém quando a humorista Dona Irene assume o lugar de “jornalista” e começa sua fala sobre o vazamento de óleo, o modo como ela textualiza essa notícia não coincide ao já naturalizado e produz o estranhamento, uma vez que a vinheta nos põe numa relação de sentidos trabalhados pela memória discursiva do jornalismo.

Pensando o vídeo “Óleo vaza na bacia” enquanto objeto simbólico cabe agora pensar qual é o funcionamento do dizer de dona Irene? De que modo nos causa estranheza e como o humor aí se produz? Sobre essas questões discutiremos no capítulo seguinte.

Capítulo 2 - Oralidade e escrita: efeitos sentidos no dizer

Nosso objetivo neste capítulo é pensar o espaço de Escrita e Oralidade no objeto simbólico recortado para análise, o vídeo: “Óleo vaza na bacia”, partindo da noção de que está naturalizado o imaginário informação/saber para o sujeito que assiste a notícia televisionada, percebemos que o vídeo joga com esse imaginário constituído no/para o sujeito provocando a estranheza e o humor. A partir destas condições buscamos compreender o funcionamento do efeito de sentidos do material, para isso descrevo abaixo o dizer da humorista Dona Irene, a qual assume o lugar de “jornalista” logo após a abertura instrumental do vídeo (vinheta+imagem). Ela textualiza a notícia da seguinte maneira:

No Rio de Janeiro óleo vaza da bacia! hum, hum óleo vazando da da bacia! Eu acredito que a bacia tá furada né! Num tem como um óleo vaza se não tivé um furo na bacia! Vão pagar 50 milhões para ajeitar! Eu acho é pouco! Pudendo ter economizado esse óleo dessa bacia furada.

(Transcrição da fala de dona Irene)

Conforme o recorte, o dizer da humorista se inscreve na ordem do imaginário da oralidade: “Eu acredito que a bacia tá furada, NÉ. Num tem como um óleo vaza se não TIVÉ um furo na bacia. Vão pagar 50 milhões para ajeitar, eu acho é pouco, podendo ter economizado esse óleo dessa bacia furada”. A ordem das palavras no enunciado se apresenta como as práticas languageiras do cotidiano, assim como acontece numa conversa entre amigos numa praça, num barzinho ou até mesmo numa lanchonete. Na posição de jornalista não se pode dizer de qualquer modo, a responsabilidade social impossibilitaria dizer “[...] vão pagar 50 milhões para ajeitar, eu acho é pouco” - uma vez que esse espaço de dizer inscreve o jornalista como um cidadão (brasileiro), portando, um (sujeito) assujeitado ao modo como o Estado divide responsabilidades no que tange ao patrimônio da nação. “Acho é pouco” aponta outras posições-sujeito.

Na cultura oral, o sujeito para (se) significar se vale de gestos de linguagem, o sujeito não fica pensando e reformulando. A fala é espontânea e é marcada por diferenças regionais e culturais, diferentemente do ritual da escrita,

que busca homogeneizar a língua de uma nação, constituindo assim uma divisão no campo da linguagem entre o espaço da escrita e o espaço da oralidade.

A escrita é um instrumento que (re) significa ao longo do tempo sistematizando a linguagem, pois dispõe de técnicas que deslocam do lugar da oralidade que é o espaço das manifestações languageiras. A escrita traça parâmetros formais que são postos como normas para o sujeito se significar. E o discurso jornalístico se constitui a partir desses parâmetros da Escrita, assim projeta a notícia como produto, apagando o gesto de interpretação. A língua Escrita é vista como o espaço da legitimidade, como lugar da verdade. E se imaginariamente é a Escrita que dá conta desse efeito e não a Oralidade, a mídia jornalística se inscreve pela Escrita. Ao assistir o vídeo o sujeito se depara com uma abertura que lembra o telejornal, mas em seguida é posto com um dizer diferente do esperado, pois o discurso de quem ocupa um lugar de “jornalista” está para o imaginário sobre a Oralidade e não para a Escrita, daí surge então a estranheza e humor no vídeo.

Para análise de discurso tudo que produz sentido é linguagem, nesse sentido Michel Pêcheux afirma que não se pode observar palavra por palavra, mas todo um contexto sócio-histórico, e pensando a respeito da “oralidade e escrita” entende-se que há um funcionamento, sendo este organizado pela linguagem que é a palavra, então o pensamento se estrutura na língua sendo estes inseparáveis, deste modo é a linguagem que recorta o pensamento. Em outra palavra é a linguagem que constitui o pensamento.

Solange Gallo traz uma reflexão em sua obra “Discurso da Escrita e ensino”, a respeito do ponto de vista de Saussure ao falar do pensamento e linguagem:

Nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta. Filósofos e lingüistas sempre concordam em reconhecer que, sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas idéias de modo claro e constante. Tomando em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem idéias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua. (GALLO, 1992, P.40)

Mas segundo a autora, Saussure ao dizer isso ele estaria situando tanto a oralidade quanto a escrita, no universo da fala. “Assim, o falante e a própria significação estariam na instância da fala. A língua, nessa perspectiva, embora possamos considerá-la como produto (linguístico) do falante e do sentido, exclui o sentido e o falante”. (GALLO, 1992, p.40). Sabemos que o discurso se constitui a partir do enunciado e quem produz esses enunciados são os falantes, de acordo com essa ideia jamais o falante pode ser excluído.

Nessa perspectiva, a oralidade pode ser considerada fundante forma de linguagem, pois através da audição, a linguagem foi se constituindo por meio da fala. Vale lembrar que oralidade é diferente de fala. A segunda é a combinação individual da língua, a fala não interessa pelo objeto da língua, portanto, às vezes o que estamos falando pode estar na ordem da escrita e não da oralidade, uma vez que oralidade existe numa oposição imaginária à escrita. “Pensemos em seguida que a passagem da oralidade para a escrita não se deu de imediato e que esta passagem provocou mudanças não só na formalização, mas também na constituição, na circulação do discurso e no pensamento” (DIAS, 2009, p.11).

A escrita foi fundada na tradição ocidental no lugar da verdade, o princípio desse processo de legitimação e formalização estava mais para a reprodução e transcrição da pronuncia oral, mas logo a Escrita foi se ampliando, garantindo seu modo de significar, sendo uma ordem fixa de maneira convencional, toda a tradição do universo é da escrita, é também um ritual literário. Orlandi ressalta que:

Isso porque, na perspectiva discursiva, a escrita especifica a natureza da memória, ou seja, ela define o estatuto do interdiscurso (o Saber discursivo que determina a produção dos sentidos e a posição dos sujeitos, definindo assim, pelo menos em parte, os processos de individualização do sujeito. (ORLANDI, 2000, p.08).

Tanto a Oralidade quanto a Escrita, são objetos de pesquisa para os estudiosos da Análise de Discurso. Podemos mencionar alguns deles como a professora e pesquisadora Cristiane Dias, que desenvolve um trabalho sobre “A escrita como tecnologia da linguagem”. Neste trabalho ela destaca sobre o

processo da oralidade para a escrita, enfatizando que inicialmente a comunicação era de ordem oral, mas com o passar dos anos, a sociedade se organiza pautada na palavra escrita. Para apontar esse percurso, precisamos compreender o processo da escrita que começa com a transcrição da oralidade, chegando até o momento da era digital. Conforme escreve Dias (2009)

Se a oralidade é a nossa primeira via de acesso à linguagem, a escritura é o que coloca a linguagem na ordem do visual, do olhar, o que antes era da ordem da escuta. Da escuta à escrita temos uma história da produção de sentidos do mundo, a saber, da relação do sujeito com o conhecimento e deste com a tecnologia. A form(a)ulação do conhecimento e o modo como ele circula através da escrita, seja na pedra, no barro, no papiro, no codex, no livro impresso, nos muros da cidade, na tela do computador, é o que temos chamado “tecnologia da linguagem”.(DIAS, 2009, P.10)

Dias (2009) compreende o gesto de materializar a escrita como uma tecnologia produzida pelo sujeito que o possibilita conhecer-se a si mesmo, nesse sentido ela coloca que através da historicidade da escrita como tecnologia e os sentidos que esta produz por meio dos diferentes suportes, torna-se então possível observar as diferentes formas de relações sociais.

Para compreendermos ainda mais a historicidade entre oralidade e escrita, não se pode deixar de observar que a escrita percorreu um longo processo, na idade média a escritura era a única escrita possível “escritura e escrita se identificavam” (GALLO, 1992, p.47) significa que a escrita só era pensada na dimensão da escritura, ou seja, verdade absoluta e inquestionável, pois se tratava da palavra de Deus, porém logo a leitura oral em forma de recitação passou a ser pensada como oralidade, na forma de “oralização” da escrita, a autora destaca que:

É importante salientar que, embora a escritura se apresentasse, a princípio, Escrita, sua leitura (oral) era possível, assim como sua recitação, o que me fez perceber

duas instancias de oralidade: a primeira que se opõe ao texto escrito, ou seja, a que não é Escrita, nem passível de ser e que eu chamo de oralidade de tipo 1. A segunda instancia de oralidade, ao contrário, é a “oralização” da Escrita, sua reprodução com todas as características formais e semânticas, que eu chamo de oralidade de tipo 2. (ORLANDI, 2000, pg.48).

Podemos compreender então que a Escrita satisfazia a oralidade (do tipo 2), enquanto a oralidade (do tipo 1) também passou a corresponder uma Escrita, nesse momento dois processos estavam se confrontando: Escrita com o objetivo de produzir um sentido “verdadeiro , único” uma vez que essa ideia de sentido único e verdadeiro é um efeito ideológico e contrapondo uma oralidade (e sua transcrição) com objetivo de produzir um sentido “não-transparente, inacabado e ambíguo” segundo o autor:

Torna-se possível, então, a ideia de uma outra” verdade” que não aquela produzida pela escritura sagrada. Em ultima instancia torna-se possível a legitimação da Escrita que não é sagrada. Essa Escrita (e sua oralização) produzirá, da mesma forma, um efeito de sentido único e verdadeiro; porem, desta vez tendo como pressuposto não a fé, mas a razão. Novamente dois processos de produção de sentido se entrecruzando-dois efeitos de sentido idênticos, em oposição. Nessa perspectiva podemos compreender a afirmação de Gnerre de que o pensamento lingüístico grego tenha apontado o caminho da elaboração ideológica de legitimação de uma variedade lingüística de prestígio. (ORLANDI, 2000, P.50).

Outra pesquisadora que também trabalha questões discursivas voltadas para a Oralidade e Escrita é Mariza Vieira da Silva. Seu texto intitulado “Cultura e Oralidade” (2006) propõe pensar a cultura no interior de uma sociedade de escrita, urbana. Pensando a questão de língua escrita e língua nacional, a autora afirma que “trata-se de pensar na constituição de um jogo identitário entre brasileiros que refere o sujeito à língua escrita tomada como língua nacional: um sujeito afetado em sua identidade pela língua escrita” (Pp. 04 e 05). Desse modo

podemos pensar que a autora discute esse impasse de diferenças que produz uma barreira separando esses sujeitos brasileiros que utilizam as mesmas palavras, expressões e enunciados de uma mesma língua, gerando assim conflitos. Contudo Vieira (2006) explica que:

A escrita, em geral, e a escrita alfabética, em particular, instalam uma relação específica dos indivíduos de uma sociedade dada com a linguagem e com a língua falada, marcada por uma separação do sujeito já-falante com a língua que o fez falante. É possível, então, a existência de um sujeito autônomo, pensante, consciente em relação a sua língua materna e às línguas em geral, e de um objeto também autônomo, a ser conhecido: a língua nacional. Do interior dessa metalíngua (imaginária), o sujeito brasileiro – letrado ou não – significa e faz funcionar de uma maneira específica o homem e o mundo, em um espaço-tempo físico e cronológico, onde se estabelecem relações, públicas e privadas, mediadas pelas letras. (VIEIRA, 2006, p.05)

A pesquisadora Carolina Rodríguez Alcalá, realizou um estudo voltado para a noção de escrita, em seu trabalho “Escrita e gramática como tecnologias urbanas: A cidade na história das línguas e das ideias linguísticas”. A autora coloca que a escrita é uma tecnologia urbana, pois a cidade e a escrita nasceram juntas, conforme os povos foram ocupando as cidades, foram também fixando suas línguas primeiramente pela escrita. “A escrita, a gramática e o dicionário são tecnologias do registro, da permanência, que ao instrumentarem a língua permitem instrumentar também o espaço-tempo de vida, participando assim da constituição da cidade”. (ALCALÁ, 2011, p.200).

Ao trazer discussões da área da análise de discurso que desenvolvem as noções de oralidade e escrita, nos permitiu compreender a historicidade e a relação de sentidos que as constituem. Por um lado, o imaginário sobre a oralidade (fala) marcada por colocações languageiras, e de outro o imaginário sobre a Escrita objetivando a linguagem.

No gesto de escuta de sentidos sobre oralidade e escrita, compreendemos que a Escrita foi deixando seu espaço de transcrição da

oralidade (do tipo1), se aproximando da Escrita enquanto escrita sagrada e ambas produzirão um efeito de sentido “único”, num processo de legitimação a autora afirma que: “na verdade, um e outro são produtos de um processo histórico e político. A legitimidade da Norma é um efeito ideológico. Efeito este que concorre para a produção de um sentido “único”.(p.51) sendo assim a oralidade produz um sentido ambíguo e inacabado, não pelo fato de não estar de acordo coma a Norma , mais sim por não passar pelo processo de legitimação.

2.2 Telejornalismo e *Youtube*: condições de produção e efeitos de sentidos

No que tange a prática discursiva jornalística, a relação oralidade e escrita intervém com toda força. Antes de veicular um fato, textualizam o acontecimento num processo de interpretação que vai editar a notícia a partir da constituição ideológica do sujeito na posição de autor editor-chefe de redação. “Nesse âmbito, esta posição-autor é coagida a obedecer às questões “ético-políticas”, pois a prática de edição o autoriza, em meio à hierarquia no interior dos telejornais, a fazer intervenções nos textos dos redatores” (Queiroz, 2004, Pp. 93 e 94) sendo assim podemos pensar a prática discursiva do telejornalismo como um ritual regido pela ordem da escrita.

A pesquisadora Queiroz em seu artigo “Tecnologias: formas e sentidos da textualização lacunar tele jornalística” discute o que coloca Foucault (2004) sobre o ritual da prática jornalística:

[...] o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciado); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos... não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.(FOUCAULT, 2004, P.39)

Desse modo podemos compreender o espaço do telejornal como uma fábrica onde processam o dizer enquanto notícia, antes de ser veiculado (vendido). E nesse sentido podemos pensar sobre a escrita e oralidade, pois o ritual de textualização da notícia funciona num discurso descritivo-narrativo, ou seja, de acordo com os parâmetros da escrita justamente para produzir o efeito de verdade. No ritual do telejornal, ocorre a oralização da escrita. Esta é a condição de produção historicamente posta no/para o telejornal.

Como já discutimos o lugar do telejornalismo, cabe agora pensar o funcionamento do *youtube*, uma vez que o material simbólico que recortamos foi extraído deste site de compartilhamento. Este site foi criado em 2005, é um espaço onde todas as pessoas podem postar seus vídeos. A palavra em inglês *You* traduzindo para o português significa *Você*, já a palavra *Tube* é tradicionalmente classificada como uma gíria que remete a palavra *Televisão*, construindo assim a função do site, “você na televisão”, pois permite que os usuários assistam, baixem e compartilhem vídeos em formato digital.

A relação que podemos pontuar entre o telejornal e o Youtube é que os dois são espaços de dizer, mas as diferenças se colocam nas condições de produção. O telejornal produz a notícia a partir de condições sócio-históricas determinadas, as quais configuram um espaço de dizer que não permite a divulgação do fato de qualquer posição sujeito. O efeito de controle do sentido se dá pela inscrição à palavra escrita, pois o dizer aí é atravessado pelo *Manual do Telejornalismo* que normatiza até a postura do apresentador – ancora. Já o youtube não trabalha tais condições de produção, é um espaço de dizer que configura uma dada abertura para que as pessoas postem seus vídeos¹; e foi nesse espaço que encontramos o material que recortamos para nossa análise.

Com a observação do vídeo podemos compreender que há um conjunto de linguagem que intervém na produção de sentidos, desde a produção sonora até a fala da dona Irene, esses sentidos produzem efeitos, Orlandi explica que:

Consequentemente, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo socio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2000, Pp.42,43).

Como vimos, a relação de linguagem trabalhada no vídeo analisado joga com o já naturalizado para projetar a quebra do ritual estabilizado, provocando o

¹Mesmo considerando aí uma política para publicação no *youtube*.

humor e também o estranhamento no sujeito. Os elementos de linguagem postos em jogo são: Imagem, Vinheta, cenário, textualização da notícia, e a postura da “jornalista” Dona Irene. A partir dessa noção trabalhada por Orlandi de que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, conseguimos compreender então o funcionamento do estranhamento e do humor em nosso material de análise. É que ao longo dos anos o sujeito tem estado em contato com o modo como o jornalismo produziu o *Plantão de Notícia*, ou seja, há um processo de naturalização da memória discursiva jornalística para o sujeito, então para o sujeito, o esperado nesse vídeo, é o ritual já naturalizado onde se estabilizou uma linearidade do telejornal, desde a vinheta até a postura da jornalista.

No momento em que a dona Irene começa a falar sobre vazamento do óleo - *No Rio de Janeiro óleo vaza da bacia! hum, hum óleo vazando da da bacia! Eu acredito que a bacia ta furada né!*- podemos compreender que “uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva” (2009, p.60) pela forma com a qual dona Irene se porta para falar que o *óleo vaza da bacia*, surge a ruptura dos nossos sentidos ditos nos telejornais. Dona Irene diz pela oralidade e rompe com uma historicidade de sentidos trabalhada pela escrita: *_vão, vão pagar cinquenta milhões pa ajeita ,eu acho é pouco podendo te economizado esse óleo nessa bacia furada.*

Este modo de dizer aponta sentidos da oralidade e não da escrita, a maneira com que Dona Irene diz a notícia faz significar outros gestos de interpretação (pelo desconhecimento) do assunto, pois se expressa diferentemente da normativa “ético-política” (cf. Queiroz, 2004). Ela diz de modo que em que o vazamento do óleo na bacia de Campos no Rio de Janeiro não fosse algo prejudicial ao patrimônio nacional, nem tampouco para os animais marinhos. Ela não diz do valor de cinquenta milhões na posição ideal de cidadã brasileira, pois se significa enquanto indiferença ao prejuízo econômico ao país. Nessa posição de dizer, dona Irene rompe à norma “padronizada institucional” dos telejornais que é estruturada pela escrita. A oralidade aí é o lugar de furo, pois permite a fuga à sentido outros, uma vez que a escrita, numa sociedade de

escrita, não é só um instrumento, ela é estruturante. Isso significa que ela é lugar de constituição de relações sociais, isto é, de relações que dão uma configuração específica à formação social e aos seus membros.

Por outro lado, a oralidade se configura no lugar do inacabado, da ambiguidade, ou seja, o uso da oralidade dá lugar a várias formas de interpretação, pois a injunção de fechar o sentido se dá com menor força. Para compreendermos esse funcionamento da oralidade analisaremos os dizeres da “jornalista” *Dona Irene: hum, hum óleo vazando da, da bacia! Eu acredito que a bacia ta furada né!* Do modo como está dito, o interlocutor pode interpretar como Óleo enquanto um óleo comestível. A Bacia Furada pode ser compreendida como uma bacia enquanto utensílio de cozinha. Então o que ocorre é que o fato divulgado por meio da oralidade ecoa inúmeras possibilidades de sentidos e, assim, não produz a notícia, não produz o imaginário de verdade, fica como uma conversa entre amigos, ou seja, os sentidos se dão em outros espaços de dizer.

Analisemos mais um dizer marcado pela da oralidade: *Vão pagar 50 milhões para ajeitar! Eu acho é pouco! Podendo ter economizado esse óleo dessa bacia furada.* Quando dona Irene fala que acha *é pouco terem que gastar 50 milhões para ajeitar a bacia*, o interlocutor pode compreender que ela não sabe que esse dinheiro é prejuízo para a nação brasileira ou que ela estaria revoltada com esse acontecimento e, por isso, ela acha *é pouco* que a Estado (nação) pague pelo erro. Mas o espaço do telejornal é pautado em normas que prezam divulgar a notícia de forma que não provoque a revolta na sociedade, sustentando aí a relação Estado/cidadão. Nessa conjuntura, os jornalistas não podem expressar opiniões que promovam a desordem do Estado, ou seja, o telejornalismo é regido por normas “ético-políticas”, “evitando a deriva dos sentidos” (Queiroz, 2004, p.94). Desse modo, o processo de textualização tem a condição sócio-histórica em que o jornalista faça a oralização da escrita, uma vez que o processo de Escrita permite a delimitação dos sentidos.

Outro modo que trabalha a ruptura com o estabilizado no vídeo é a postura de dona Irene diante às câmeras. Para observarmos essa relação segue abaixo duas imagens: a imagem 1 é da humorista Dona Irene no momento da textualização da notícia. A imagem 2 é de uma jornalista da rede Globo, textualizando no Plantão da Globo.



Imagem 1



Imagem 2

Para os telejornais, existe um padrão de postura específico para o apresentador-âncora. Queiroz (2004) afirma que:

Ainda, não podemos deixar de considerar as significações do estereótipo da imagem do apresentador-âncora, construído pela injunção da mídia e da memória discursiva através do *marketing* de simulacro de boa moral, de bons costumes, de família perfeita, de legitimação do saber, da verdade etc. Então, a imagem dos personagens apresentadores-âncoras, junto à assinatura em destaque na tela da televisão e também nos *sites*, funciona como legitimadora da informação a partir de uma representação da posição de autoria produzindo efeitos de sentido de “verdade”, de credibilidade para os telejornais. (QUEIROZ, 2004, P.95)

Assim como coloca Queiroz, para os telejornais, a imagem e a postura do apresentador-âncora faz parte do marketing da imprensa para a venda do produto notícia, pois se o apresentador se significar com uma postura formal, a notícia não produz o efeito de verdade, ou seja, para textualizar a notícia e conseguir vendê-la como verdade, o apresentador não pode se colocar de qualquer forma. O apresentador-âncora só o é se seguir os padrões de postura determinado pela norma “ético-políticas” dos telejornais. Postura que naturalizou a presença

formalizada do corpo como próprio da condição de dizer no telejornalismo. Posto esse imaginário, o interlocutor se depara com um vídeo em o mesmo (o ritual do jornalismo) significa, mas neste mesmo ritual, quem ocupa o lugar de apresentador-âncora textualiza a notícia de forma oral e faz significar o corpo por gestos informais (corpo contorcido; mão no queixo, etc.). Ocorre aí uma ruptura da memória discursiva do jornalismo.

Considerações finais

Para empreendimento de nossa discussão, é fundamental ressaltar que a Análise de Discurso permite compreender todo e qualquer objeto simbólico. A partir dessa possibilidade, pudemos compreender que não há neutralidade na linguagem, seja escrito, falado e divulgado. O vídeo “óleo vaza na bacia”, é carregado de sentidos que se significam num jogo entre o mesmo e o diferente, o *Mesmo* (o funcionamento da vinheta, a imagem, e o cenário) assim como funciona o ritual jornalístico do *Plantão da Globo*; e o *Diferente* (a postura da “jornalista”, textualização da notícia pela oralidade).

O jogo entre o Mesmo e o Diferente é que provoca o estranhamento e o riso na materialidade do vídeo. O humor ocorre quando o sujeito afetado pela memória jornalística observa a abertura do vídeo no formato praticado pelo *Plantão da Globo*, o que o coloca a espera de notícia e, de repente, se depara com uma apresentadora-âncora que não coincide com imaginário de postura determinado pelas normas “ético-políticas” que regem os telejornais, ou seja, Dona Irene se porta como se estivesse numa conversa de amigos, se valendo de gestos e expressões, então para o sujeito já esta naturalizado a forma de postura esperada numa conversa entre amigos e num telejornal.

E o estranhamento se reforça com o modo de textualização do fato, onde a “jornalista” traz a notícia num discurso da oralidade, com várias manifestações languageiras (tal como já discutimos anteriormente). Portanto, o vídeo joga com dois espaços naturalizados de dizer: começa com a abertura de um telejornal que é compreendido como um espaço da formalidade e textualização da Escrita, e finaliza com a informalidade da postura e com a oralidade que fura com o estabilizado para o telejornal.

Referências bibliográficas

ACHARD, Pierre. [et al.] **Papel da Memória**. Tradução e Introdução: José Horta Nunes – 3ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

GALLO, Solange Leda. **Discurso da Escrita e ensino** / Solange Leda Gallo. – Campinas SP: Editora Unicamp, 1992. (coleção Momento).

LAGAZZY, Suzi. **Recorte significativo na memória**. In: INDURSKY, Freda (Org.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009, v. 1, p. 67-78.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso (AAD -69)**. In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Organizadores FrancoiseGadet; Tony Hak; Tradução Bethânia S.Mariani ... [et ed. al] – SP: Editora Unicamp, 2010. (p. 59 – 159)

QUEIROZ, Èrica Karine Ramos. **Tecnologias: Formas e sentidos da textualização lacunar telejornalística**. In: MORELLO, Rosângela. (org.). **Giros na cidade: Materialidade do espaço**- Campinas, SP: LABEUB/NUDECRI-UNICAMP, 2004. (p. 93 – 101)

ORLANDI. Eni Puccinelli. **O efeito do verbal sobre o não-verbal**. In: RUA: **Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da UNICAMP – NUDECRI**. Campinas, SP, número 1, março de 1995. (p. 35 – 48)

_____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Paráfrase e Polissemia: a fluidez nos limites do simbólico**. In: RUA: **Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP – NUDECRI** – Campinas, SP, n.º 4, março 1998.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos** – São Paulo. 8 ed. Pontes, 2009

SILVA, Telma Domingues. **Jornalismo e a divulgação científica**. In: RUA: **Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da UNICAMP – NUDECRI**. Campinas, SP, número 8, março de 2002. (p.129 – 146)

<http://www.youtube.com/watch?v=4iZsDKhSp9I>